

## EDITORIAL

---

### POESIA E INFÂNCIA

A imaginação crítica e poética da modernidade, já com os românticos, é tocada por diferentes tipos de aproximações entre a atividade do escritor e a da criança. Em Baudelaire, temos um fracionamento na perspectiva psicologizante dessa relação, quando a atividade da escrita, antes de se prestar a uma transposição sublimadora da infância ou de outro tipo qualquer de associação entre produção literária e aspecto biográfico, lança a figura do “gênio criador” em afinidade direta com a infância e a força criativa da infância, na qual a criação vai aparecer como uma espécie de “ressurgência”; o que, para René Schérer, será formulado na expressão “devir-criança”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Elemento temático incontornável a tantas e distintas poéticas, a infância se transmuta e se reconfigura a cada voz que a expressa ou anuncia, sendo muitas as suas armadilhas imagéticas ou retóricas. Uma breve genealogia crítica da relação entre as figuras do poeta e da criança já apontaria para uma relação intrínseca entre a ideia da infância como invenção de uma categoria forjada no século XVIII e os novos modos de enunciação da lírica moderna. Em sua acepção figurativa disruptiva e múltipla, como uma lógica própria do imaginário, próxima talvez ao que Arturo Carrera vai designar em um de seus versos como “inocência sinuosa”, ou o que Manuel António Pina chama, com as palavras de Nietzsche, de uma “segunda, mais perigosa inocência”, ou ainda, em contraponto, como uma forma outra de dizer “suavidade”, como sugere Dufourmantelle (“A suavidade pertence à infância, é seu nome secreto”).

Dito tudo isso, pode a infância elaborar horizontes epistemológicos nos estudos de poesia? Com esta pergunta, o presente número apresenta textos que abordam a relação entre infância e poesia.

Tal relação pode ter múltiplos desdobramentos. Um deles, por exemplo, numa cena na escola envolvendo Anne Frank e seu professor. Como forma de punir a aluna Anne, que

conversa muito durante as aulas, o professor exige que ela faça uma redação com o título de “Uma tagarela incorrigível”. Anne então

produz um texto todo em verso sobre três patinhos que foram bicados até a morte pelo pai-cisne, porque grasnavam muito. A engenhosidade da composição encanta o professor, que se curva ao revide bem-humorado e homenageia a estudante, recitando o poema em voz alta, não apenas diante dos colegas de Anne Frank, mas também em várias outras turmas da escola. [...] A conclusão do episódio evidencia o notável poder de ação do poema, capaz de criar cumplicidade entre mestre e aluna, onde antes imperava a hierarquia disciplinadora (Bines, 2022, p. 72).

Esta cena foi destacada do *Diário de Anne Frank* por Rosana Kohl Bines, em seu livro *Infância: palavra de risco*. Sobre ela, Bines faz alguns comentários:

O poema devém ato insurgente, que desloca o interlocutor sisudo de sua posição professoral, propondo-lhe a aquisição de uma nova língua – um qua qua, qua renitente que desabilita a voz impostada do mestre [a redação de Anne se chama “Quac, quac, quac, tagarelou a dona pata”] conferindo-lhe um novo registro, menos controlado e mais visceral. Afinal, quem aprende a grasnar como os patos abre-se a uma experiência de metamorfose, que afeta a própria autoridade do falante (Bines, 2022, p. 73).

O trecho citado abre várias frentes para pensarmos o poema. Entre elas, o poema como forma de metamorfose, isto é, produzindo identidades em processo e não estanques, como ocorre com a prosopopeia do ganso. Outra frente possível que se abre é a da poesia como “ato insurgente” que altera relações de poder. Seja como metamorfose do sujeito, seja como insubordinação, o poema altera e é alterado por sua relação com a infância. E não há condescendência com a infância. Ela comparece não em versão domesticada, mas sim em um “registro menos controlado e mais visceral”. Nessa justaposição com esse tipo de infância, algo do tipo também acontece com o poema: quando ele fala, fala pela primeira vez de novo. Mas como pode ser “pela primeira vez” se é “de novo”? Isso talvez tenha a ver com um título já citado aqui de Pina (*via Nietzsche*): “Uma segunda e mais perigosa inocência” (Pina, 2001, p. 68).

Seguindo tal direção, este número traz uma entrevista com Rosana Kohl Bines justamente a partir do referido livro *Infância: palavra de risco*. Nela, esta cena, na escola, envolvendo Anne Frank e a poesia retorna e se desdobra, na perspectiva mais ampla de uma provocação fundamental lançada pelo pensamento de Bines: não se trata de estudar “representações” da criança na literatura, mas antes de perceber a infância como “método fabulador-especulativo, como procedimento da ordem do discurso, figura ou tropo desencadeador de uma prática inventiva e reflexiva em linguagem”, como afirma.

Abre o dossiê o artigo “De um pequeno ponto de vista: Paloma Vidal e Tamara Kamenszain”. Nele Danielle Magalhães lê as obras mais recentes das duas referidas escritoras, construindo um lugar para o poético para além do poema. Nisso, o que está em jogo é uma figuração da mãe como forma de deslocamento crítico. Em “Ludismo e escrita sampler na poesia de Marcelo Montenegro”, Antonio Eduardo Soares Laranjeiras não lê a infância exatamente a partir do tema infância, mas sim tentando entender a prática do sampleamento como modo de operar com a linguagem análogo ao gesto da criança que quebra o brinquedo.

Na sequência, Julio Cesar Cadó, no artigo “O poema, brinquedo para menino guenzo: ilustrações da infância na poesia de João Cabral”, propõe abordar a poética cabralina detendo-se nas formas como a infância se configura na dicção antilírica do poeta, lembrando que Cabral, como dito no poema “Entrevista”, concebe a poesia como “uma forma de retorno à infância, não pelo que esta tem do ideal de pureza, mas como uma infância da linguagem que traz consigo a percepçãoafiada”.

Em “Infância e memória em meios tons na poesia de Manuel Bandeira”, Miguel Lombas e Ana Tettamanzy abordam a infância em suas possíveis epistemologias a partir da dimensão da memória na poética de Manuel Bandeira, problematizando em elementos de seu imaginário resquícios de práticas e pensamentos coloniais e racistas ainda vigentes ao longo do século XX.

Em “Um ‘núcleo de infância’ na poesia de Cecília Meireles”, Ana Maria Lisboa de Mello propõe pensar a figuração da infância na poética da autora, a partir do pensamento de Gaston Bachelard, sobre a existência de um “núcleo de infância”, “uma infância imóvel, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos”, mas que só ganha vida nos instantes de sua “existência poética”. Em outra ponta, Daniela Mantarro Callipo e Mariele Brollo Cavalcante

mostram, no artigo “As guerras, barricadas e trabalho infantil: a triste realidade das crianças na poesia de Victor Hugo”, como os poemas de Victor Hugo denunciam as precárias condições em que viviam as crianças no contexto do século XIX, vítimas de guerras, do trabalho árduo e exploração infantil.

Além da referida entrevista com Rosana Bines, o dossiê conta ainda com dois depoimentos: um de Sofia Karam, com um breve relato em torno de fragmentos do cotidiano e a investida reflexiva de uma infância esboçada entre os limites do corpo e do pensamento; o outro de Mônica de Aquino, que costura reflexões, a partir de um ponto de vista prático e teórico, entre poesia e maternidade. Nasce daí uma arte poética que faz da infância um *modus operandi*.

Este número traz ainda outros artigos na seção *Vária*. Wallas Gomes Zoteli e Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho assinam o artigo “Coliteração em rimas soantes de *Persenecontos*, de Bith” no qual averiguam posturas formais do poeta capixaba e pensam uma teoria do verso. Milena Martins Moura e Tatiana Pequeno da Silva, em “Um gesto todo seu: gesto, corpo e coletividade na poesia erótica de Leila Míccolis e Glória Perez”, discutem como o erotismo pode ser usado como apropriação transgressora e exposição insurgente, em que a abertura do corpo constrói uma dimensão plurivocal e, portanto, coletiva.

Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, no artigo “Thiago de Mello: um poeta forjado no exílio”, traça um perfil biográfico do autor de *Faz escuro mas eu canto*, em vistas de estabelecer relações entre poesia e exílio. Por fim, Franklin Alves Dassie, em “A anticrítica como lance de montagem”, propõe algumas tensões entre a “prosa porosa” do livro *O anticrítico*, de Augusto de Campos, e a obra de autores como Roland Barthes, Jean-Luc Godard e outros.

Para encerrar este número, a seção *Resenhas* apresenta um texto de Lúcia Melo de Sousa sobre a primeira antologia poética, no Brasil, do português Carlos de Oliveira, autor central no panorama da lírica portuguesa do século XX, quando se discute as relações profícuas entre poesia de inflexão política e construtivismo.

*Leonardo Gandolfi \**

*Paloma Roriz \*\**

REFERÊNCIAS:

BINES, Rosana Kohl. *Infância, palavra de risco*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Numa Editora, 2022.

CARRERA, Arturo. *A inocência*. Trad. Rodrigo Alvarez. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2010.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Potências da suavidade*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

PINA, Manuel Antonio. *Poesia reunida*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2001.

SCHÉRER, René. *Infantis – Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

---

\* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, professor de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Email: leonardo.gandolfi@unifesp.br. Orcid Id: 0000-0003-1885-1498

\*\* Pesquisadora bolsista de pós-doutorado [FAPERJ-PDR-10] em Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) do Departamento de Letras da PUC-Rio. Doutora em Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Email: palomaroriz8@gmail.com. Orcid Id: 0000-0001-7324-8785.